

Baseado em informações não confiáveis

revistapesquisa.fapesp.br/baseado-em-informacoes-nao-confiaveis/

Fabício Marques



Uma pequena empresa de análise de dados médicos sediada em Chicago, nos Estados Unidos, a Surgisphere Corp., e seu presidente, o cirurgião vascular Sapan Desai, estão no centro de um escândalo que revelou fragilidades no processo de revisão de artigos durante a pandemia em duas respeitadas revistas científicas, *The Lancet* e *The New England Journal of Medicine (NEJM)* – e ainda produziu ruído extra no debate sobre a eficiência contra a Covid-19 da hidroxicloroquina, remédio usado para combater a malária.

Desai, de 41 anos, foi coautor de um artigo publicado no dia 22 de maio na *The Lancet* que teve grande repercussão por sugerir que a hidroxicloroquina, além de não ser eficaz contra a infecção do novo coronavírus, ainda aumentaria o risco de mortalidade por problemas cardíacos. Ele também assinou um artigo na *NEJM*, publicado em 1º de maio, que avaliou o efeito de alguns medicamentos para doenças cardíacas em pacientes com o novo coronavírus. Os dois estudos foram retratados em 5 de junho, dada a impossibilidade de assegurar a veracidade de seus achados. Acontece que Desai se recusou a fornecer os dados brutos que embasavam as conclusões dos artigos, o que tornou inviável a comprovação dos resultados. “Como não podemos verificar os dados primários nem suas fontes, não tenho mais confiança na origem e na veracidade dos dados nem nas descobertas que eles apontaram”, disse, em comunicado, o autor principal dos trabalhos, o cirurgião cardíaco Mandeep Mehra, do Brigham and Women’s Hospital, em Boston, que também é professor da Universidade Harvard.

A participação de Sapan Desai e sua empresa em ambos os *papers* baseou-se na coleta de dados atribuídos a 96 mil pacientes com testes positivos para o vírus Sars-CoV-2 de 671 hospitais em diversos países entre 20 de dezembro de 2019 e 14 de abril passado. Em seguida, a Surgisphere utilizou ferramentas de inteligência artificial para extrair tendências desse volume de informações. Dessa forma, concluiu pela associação entre uso de hidroxiquina e aumento de óbitos por colapso do coração. Tal constatação levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a interromper, no dia 25 de maio, os estudos realizados por grupos de vários países sobre a eficiência da hidroxiquina. A entidade retomou-os dias mais tarde, depois que os artigos foram retratados.

Quando as primeiras dúvidas apareceram, Desai afirmou que permitiria uma auditoria em seu banco de dados, mas por fim comunicou que os dados eram protegidos por sigilo e não tinha autorização dos hospitais para compartilhá-los. Nem essa informação, contudo, pôde ser corroborada. Nenhum hospital que trabalha com pacientes de Covid-19 admitiu fornecer dados de seus pacientes para a Surgisphere e a única rede de instituições mencionada por Desai em um estudo de caso, a NHS Scotland, sistema público de saúde da Escócia, negou ter relações com a empresa e pediu que a imagem de um de seus hospitais em Glasgow fosse retirada de seu site.

Logo após a publicação do artigo sobre a hidroxiquina, surgiram críticas relacionadas a registros inconsistentes. A Surgisphere tinha dados sobre 4,4 mil pacientes hospitalizados na África, um número visto como exagerado para apenas 15 mil casos no continente até meados de abril. Os dados da Austrália também apresentavam incongruências – havia informações sobre 73 pacientes mortos no período analisado, enquanto os números oficiais apontavam 67 óbitos. As dúvidas cresceram quando se constatou que a origem dos dados era uma empresa com apenas seis funcionários, sem um conselho científico a lastrear sua metodologia. Causou estranheza que uma empresa com uma pequena estrutura e pouca tradição no mercado de inteligência artificial pudesse de fato ter acesso a dados de prontuários de pacientes fornecidos por centenas de hospitais no mundo inteiro.

As suspeitas também recaíram sobre outros trabalhos científicos que utilizavam os dados da Surgisphere. Um *preprint*, assinado igualmente por Desai e seus colaboradores e publicado no dia 14 de abril, sugeria a eficiência de um vermífugo, o Ivermectin, contra a Covid-19 e lastreou a decisão de vários países de testar a droga. Os dados sobre os pacientes intrigaram o parasitologista espanhol Carlos Chaccour. Havia registros de três pacientes com Covid-19 na África, no dia 1º de março, que estavam recebendo ventilação mecânica e foram tratados com Ivermectin. Ocorre que, nesta data, só havia dois casos confirmados no continente e não havia relatos de uso do vermífugo como um possível tratamento. Em um editorial publicado no dia 16 de abril no *The American Journal of Tropical Medicine and Hygiene*, Chaccour expressou sua preocupação com a facilidade com que vários grupos confiaram nos resultados e passaram a testar o remédio. E enviou uma carta a Desai questionando alguns dados. Segundo Chaccour relatou ao jornal *The Guardian*, o presidente da Surgisphere

limitou-se a elogiá-lo e a falar sobre a possibilidade de futuras colaborações, sem dirimir as dúvidas. Após a retratação do artigo da hidroxicloroquina, o *preprint* do Ivermectin também foi removido pelos autores.

Sapan Desai fundou a Surgisphere em 2007, quando era médico residente da Universidade Duke. No início, a empresa produzia guias médicos e livros didáticos. Em 2009, lançou-se a uma nova empreitada: criou um blog de ficção científica, que não existe mais. Entre 2010 e 2013 sua empresa editou uma revista científica, o *Journal of Surgical Radiology*, cujos artigos, de acordo com reportagem da revista *Science*, tiveram apenas 39 citações em toda a sua trajetória. O site da Surgisphere até recentemente informava que a revista teve 50 mil assinantes e mais de 1 milhão de visualizações por mês. Ao longo do tempo, a empresa especializou-se em colecionar registros hospitalares que poderiam ser usados em pesquisas. Em uma entrevista a uma emissora de TV da Turquia, quando o artigo da *Lancet* foi publicado, ele chegou a dizer que suas ferramentas de big data aplicadas a dados de pacientes poderiam tornar dispensável “a realização de ensaios clínicos randomizados”.

A ligação do dono da Surgisphere com os demais autores dos artigos também passou a ser investigada. Até então, eles jamais haviam trabalhado juntos. O autor principal dos trabalhos, Mandeep Mehra, é um renomado especialista em transplantes cardíacos. Atribui-se ao seu prestígio o fato de as duas revistas terem aceitado avaliar os artigos em regime de *fast-track*, em que a revisão por pares é acelerada para disponibilizar rapidamente resultados de interesse público. Mehra conhecia há algum tempo outro autor, o cirurgião torácico Amit Patel, cofundador de uma empresa de terapias genéticas para tratar doenças cardíacas e disfunções sexuais, a Triple Gene. Patel já teve passagens como cirurgião na Faculdade de Medicina da Universidade de Miami e como professor voluntário na Universidade de Utah, ambas nos Estados Unidos, e faz parte de uma rede de médicos que promove um ensaio clínico sobre uso de células-tronco e cordão umbilical no tratamento da Covid-19. Mehra já havia trabalhado em um projeto da Triple Gene sobre o uso de células-tronco para tratar doenças cardíacas. Foi Patel quem apresentou Mehra a Desai.

Para Jerome Kassirer, que foi editor-chefe do *NEJM* na década de 1990, as revistas falharam ao não submeter os trabalhos a uma análise mais criteriosa. Em entrevista à revista *Science*, ele classificou como “completamente bizarra” a colaboração entre pesquisadores com atividades aparentemente díspares, alguns deles com vínculos tênues com instituições científicas, e que jamais haviam trabalhado juntos anteriormente. Em situações normais, ele diz, esse conjunto de pontos fora da curva seria suficiente para que um sinal de alerta soasse durante a revisão por pares e os cuidados fossem reforçados. Wendy Rogers, especialista em bioética da Universidade Macquarie, em Sydney, Austrália, disse à revista *Nature* que os editores das revistas deveriam ter feito mais perguntas a respeito de uma coleta de dados tão abrangente, em hospitais do mundo inteiro, e realizada em meio a uma pandemia. “Há tanta pressa na pesquisa sobre a Covid-19 que todo tipo de trabalho está sendo publicado”, alertou. Os editores da *Lancet* e da *NEJM* não se pronunciaram sobre as críticas.

A produção científica pregressa de Desai também está sendo reavaliada. A especialista em manipulação de imagens Elizabeth Bik encontrou indícios de que o artigo científico que resultou da tese de doutorado do pesquisador teve imagens duplicadas. O jornal *The Guardian* promoveu uma investigação sobre o currículo de Desai e constatou que não havia base para afirmações como a que ele teria um segundo título de PhD além do obtido na Universidade de Illinois, assim como para afiliações a diversas universidades. Alguns desses dados foram apagados do site da Surgisphere depois que o jornal divulgou a suspeita.

A retratação do artigo sobre a hidroxicloroquina não teve o condão de reabilitar o medicamento. Três estudos científicos realizados com um grande número de pacientes foram publicados no início de junho, sendo dois com pessoas expostas ao vírus e com risco de infecção e um com pacientes com Covid-19 internados em estado grave. Nos três casos, a conclusão é de que não existe benefício em utilizar a droga. “Seria melhor mudar nossa atenção para medicamentos que realmente possam funcionar”, disse à *Science* Eric Topol, diretor do Instituto de Ciência Translacional Scripps, na cidade de San Diego, Califórnia.

Republicar